

A ascensão do peregrino! Um estudo bíblico a partir de Sl 120

The ascension of the pilgrim!
A biblical study from Ps 120

*José Ancelmo Santos Dantas

Resumo

Com suas aproximadamente vinte e seis palavras, o Salmo 120 abre a família dos Salmos classificados como Cânticos das Subidas. Além disso, pode ser compreendido a partir de três molduras literárias: “lábios (מִשְׁפֶּת)” (v. 2a) e “língua (לִשׁוֹן)” (v. 2b); habitantes de “Mosoc (מֹסוֹךְ)” (v. 5a) e “Cedar (קֶדָר)” (v. 5b); chegando, enfim, a uma antítese proveniente da imagem: “paz (שְׁלוֹם)” (v. 7a) e “guerra (מִלְחָמָה)” (v. 7b). Ritmo e simplicidade dão o tom ao poema lírico em questão, no qual o pretérito é afinado com o presente. A prece inicial é formulada no pretérito, ao passo que, no presente, segue-se o clamor de um eu pessoal que, com o passar do tempo, transformou-se em um eu coletivo. Embora o clima exale odor de combate, vislumbra-se a paz. Esta última tem como doador e protagonista a Pessoa do Senhor, Deus de Israel. Aí, em Israel - mais precisamente em Jerusalém, e não em outras nações -, encontra-se o Templo, local perfeito para receber peregrinos e devotos.

Abstract

With approximately twenty-six words, Psalm 120 opens the family of Psalms classified as Songs of Ascents. Furthermore, it can be understood from three literary frames: “lips (מִשְׁפֶּת)” (v. 2a) and “tongue (לִשׁוֹן)” (v. 2b); inhabitants of “Mosoc (מֹסוֹךְ)” (v. 5a) and “Cedar (קֶדָר)” (v. 5b); finally arriving at an antithesis arising from the image: “peace (שְׁלוֹם)” (v. 7a) and “war (מִלְחָמָה)” (v. 7b). Rhythm and simplicity set the tone for the lyric poem in question, in which the past tense is in tune with the present. The initial prayer is formulated in the past tense, while, in the present, the cry of a personal self follows, which, over time, became a collective self. Although the climate exudes the odor of combat, there is a glimpse of peace. The latter has as its donor and protagonist the Person of the Lord, God of Israel. There, in Israel — more precisely in Jerusalem, and not in other nations — is the Temple, the perfect place to receive pilgrims and devotees.

* Doutorando em Exegese e Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Texto enviado em
29.01.2025
Aprovado em
28.08.2025

Palavras-chave: Salmo 120; Cânticos de degraus; Davi; Cânticos das subidas; Jerusalém.

Keywords: Psalm 120; Songs of steps; David; Songs of climbs; Jerusalem



Introdução

Dentre os cento e cinquenta Salmos da Bíblia Hebraica, quinze são classificados por “cânticos das subidas” (Cf. DANTAS, 2024, p. 213) : (Sl 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133 e 134), isto é, hinos poéticos e literários que nasceram em Israel. Este último é um país locado na região das proximidades do Crescente Fértil, cuja geografia faz parte do Levante. Possuidor de uma faixa de terra simples, coberta por uma vegetação modesta, faz fronteira com duas grandes potências regionais à época: Egito e Mesopotâmia. A primeira potência era detentora das águas do Nilo, enquanto a segunda era desenhada e banhada pelos rios Tigre e Eufrates. Ficando para Israel, pequenino em idade e dimensão, apenas as poucas águas do Jordão.

Ora, o que um povo pequeno e pobre, habitante de uma terra com iguais proporções, poderia fazer para sobreviver? Ao entrar na dinâmica orante destes poemas líricos, há uma primeira resposta: cantar a fé! Afinal, uma melodia transformada em oração faz com que o fiel obtenha a resposta de que precisa para sua pergunta. Além disso, universaliza a crença, na medida em que torna o Senhor, Deus de Israel, conhecido e historiciza o processo de crer, tornando-o mais que um assentimento pessoal, levando-o ao patamar coletivo e comunitário.

Ao que parece, frente aos poemas líricos presentes nestes quinze Salmos, o ouvinte/leitor compreenderá que a arma usada por Israel, quer antes do exílio, quer durante ou depois dele, foi a capacidade de cantar as experiências vividas, estando longe ou próximo de casa. Fazendo de seu cântico uma oração de louvor, cujo caráter se destaca pelo aspecto coletivo e comunitário, mas sempre com vistas a Jerusalém e ao Templo aí alocado, lugar sagrado e único para louvar ao Senhor, Deus de Israel. Ao olhar mais proximamente tais poemas líricos, percebe-se que, de um lado, é latente o recurso da memória, cujo norte e foco apontam para a Cidade Santa e o Templo nela estabelecido. De outro, visa-se a peregrinação como parte importante nesse processo.

O Salmo 120, muito embora pequeno em sua estrutura semântica e literária, informa ao ouvinte/leitor, desde o início, a notícia acerca do caráter de peregrinação, ao descrever: “cântico das subidas (שִׁיר הַמַּעֲלוֹת)” (v. 1a). Além disso, aguça a atenção de seu interlocutor quando, no versículo 5, propõe: “Ai de mim, porque me hospedei em Mosoc, morei junto às tendas de Cedar.” O

orante, ao cantar em seu poema lírico essa imagem, pretende mesmo informar ao seu interlocutor que o Salmo 120 procede de um “judeu da diáspora, que viajou como peregrino para uma festa no Santuário”, como indicam os “dados topográficos” (cf. WEISER, 1997, p. 577)? Em todo caso, o Salmo 120 deseja ser escutado e, portanto, mais bem compreendido. Isso exige, da parte do ouvinte/leitor, espírito sapiencial de humildade e paciência, haja vista que, frente ao poema em questão, o interlocutor é jovem e inexperiente. De outro lado, o texto é maduro e pretende ensinar. Escutemo-lo!

1. Apresentação do Poema

O Salmo 120 pertence ao grupo de poemas líricos chamados “cânticos das subidas” (v. 1a). Por vezes, é pensado em sua forma e/ou em seu gênero literário, com a moldura de quem possui um conteúdo de “lamentação individual” (cf. BALLARINI; REALI, 1985, p. 84). De forma gramaticalmente apequenada, o poema se propõe a uma ascensão. Segue um breve esquema, cujo propósito é oferecer ao ouvinte/leitor uma maior proximidade a essa prece orante.

Tabela 1. Poema e sua tradução

הַמַּעֲלוֹת שִׁיר	(v. 1a)	Cântico das subidas
קָרָאתִי לִי בַצָּרָתָה אֱלֹהִים	(v. 1b)	Ao SENHOR, em minha angústia, clamei,
וַיַּעֲנֵנִי	(v. 1c)	e ele me respondeu.
יְהוָה הַצִּילָה נַפְשִׁי מִשִּׁפְתַּי־שָׁקֶר	(v. 2a)	SENHOR, livra minha alma de lábios falsos,
לִשׁוֹן רַמְיָהּ:	(v. 2b)	da língua traidora!
מִהָיְתָה לָךְ וּמִהָיְסִיף לָךְ	(v. 3a)	O que te será dado ou acrescentado a ti
לִשׁוֹן רַמְיָהּ:	(v. 3b)	ó língua enganadora?
חֲצִי גִבּוֹר שְׁנוּנִים עִם	(v. 4a)	Flechas afiadas de um guerreiro,
גִּחְלִי רֵתֵמִים:	(v. 4b)	com brasas de giesta.
אֹיְהִי לִי כִּי־גֵרָתִי מִשָּׁר	(v. 5a)	Ai de mim, porque me hospedei em Mosoc,
שָׁכַנְתִּי עִם־אֹהֲלֵי קֶדֶר:	(v. 5b)	acampado junto às tendas de Cedar!
רַבַּת שְׁכֵנָה־לָּהּ נַפְשִׁי	(v. 6a)	Minha alma conviveu demais
עִם שׁוֹנֵא שְׁלוֹם:	(v. 6b)	com quem odeia a paz.
אֲנִי־שְׁלוֹם וְכִי אֲדַבֵּר	(v. 7a)	Eu sou pela paz, mas quando falo,
הֵמָּה לְמַלְחָמָה:	(v. 7b)	eles são pela guerra.

(fonte: produzido pelo autor)

Após informar ao ouvinte/leitor acerca da razão catequética deste pequeno ensaio em (v. 1a), o orante destina, com precisão, quem é o protagonista principal de sua prece. Trata-se do SENHOR, Deus de Israel (vv. 1b; 2a), cantado

sinfonicamente por duas vezes em Sl 120. Isso significa que, embora o poema seja dirigido a um lugar, isto é, o Templo alocado em Jerusalém¹, a razão, todavia, em fazê-lo tem como ponto principiante e maior uma pessoa, ou seja, o Senhor. Além disso, ao cantar e expor sua prece, o orante inicia a melodia no tempo do pretérito: “eu clamei (קָרָאתִי)” (v. 1b), da raiz verbal “clamar (קָרָא)”, que, com suas cinquenta e oito presenças² no livro dos Salmos, elabora um resgate profundo, utilizando-se do recurso da memória, a fim de presentificar o que o Senhor no passado fizera e que, por isso mesmo, continuará a fazer no presente e no futuro. Ao que parece, o poema leva seus interlocutores a subirem - seja no patamar espiritual, seja na dimensão temporal - a Sião, onde fica o Templo do Senhor. Portanto, o orante, ao usar a categoria do tempo pretérito, endereçando sua prece ao Senhor, cujo Templo encontra-se em Sião, fá-lo movido pelo sentimento latente da esperança, com vistas à libertação!

Mais ainda: de um lado, leveza e simplicidade dão o ritmo que há no poema contido em Sl 120. São apenas vinte e seis palavras, nada mais. Isso, de per si, possibilita que os mais simples - os peregrinos - o compreendam. De outro, prolonga-se um clima de medo e insegurança, na medida em que o orante, por meio do recurso da metonímia, utiliza-se de instrumentos humanos fortes e decisivos: “lábios (מִשְׁפָּת)” (v. 2a) e “língua (לִשׁוֹן)” (v. 2b). Ciente, pois, de sua natureza migratória, sente pelo tempo em que ficou hospedado em “Mosoc (מִשְׁכָּן)” (v. 5a) e em “Cedar (קִדְרִי)” (v. 5b). Chegando, enfim, a duas últimas imagens, sendo uma positiva: “eu sou pela paz (אֲנִי-שָׁלוֹם וְכִי אֶדְבָּר)” (v. 7a), e outra, de ordem negativa: “eles são pela guerra (הֵמָּה לְמִלְחָמָה:)” (v. 7b). Em suma, Sl 120 esconde, em sua partitura, riquezas no que diz respeito à sua forma e conteúdo.

2. Lábios e língua

1. Cf. v. 1a - “Cântico das subidas (הַמַּעֲלוֹת שִׁיר)”. Essa expressão sugere que o salmo foi composto no contexto de peregrinação a Jerusalém, rumo ao Templo do Senhor. Por isso, mesmo que a prece seja dirigida ao Senhor, ela está, ao mesmo tempo, voltada a esse lugar sagrado onde sua presença é celebrada de forma plena.

2. Referências acerca do verbo “clamar (קָרָא)” no livro dos Salmos: (Sl 3,5; 4,2.4; 14,4; 17,6; 18,4.7; 20,10; 22,3; 27,7; 28,1; 30,9; 31,18; 34,7; 35,3; 42,8; 49,12; 50,1.4.15; 53,5; 55,17; 56,10; 57,3; 59,5; 61,3; 66,17; 69,4; 79,6; 80,19; 81,8; 86,3.5.7; 88,10; 89,27; 91,15; 99,6^(2x); 102,3; 105,1.16; 116,2.4.13.17; 118,5; 119,145.146; 120,1; 130,1; 138,3; 141,1^(2x); 145,18^(2x); 147,4.9).

Tendo clamado ao Senhor no versículo 1b, usando o tempo do pretérito, o orante, agora, no versículo 2a, muda o tempo para o presente e prontamente diz: “SENHOR, livra minha alma de lábios falsos (אֶל־יְהוָה בְּצַרְתָּהּ לִי קְרָאתִי)” (v. 2a). E continua: “e da língua traidora (לְשׁוֹן רְמִיָּה)” (v. 2b).

Por meio do vocábulo “lábios” (מִשְׁפָּת) e “língua” (לְשׁוֹן), o orante, metaforicamente, explora um recurso conhecido na ciência exegética como anadiplose³, cuja função é conceder mais emoção e/ou sentimento ao texto literário. No livro dos Salmos, a palavra “lábios” (מִשְׁפָּת) aparece aproximadamente vinte e oito vezes, ao passo que o vocábulo “língua” (לְשׁוֹן) conta com trinta e cinco usos. Deve-se observar como cada palavra foi pensada em consonância com a gramática viva e vigente na sabedoria do Antigo Israel.

De um lado, há os “lábios” do Senhor (Sl 16,4; 17,4; 21,3), “lábios livres da mentira” (Sl 34,14), “lábios de graça e encanto” (Sl 45,3), “lábios abertos” (Sl 51,17; 66,14), “lábios que enaltecem o nome de Deus” (Sl 63,4), “lábios jubilosos” (Sl 63,6), “lábios que salmodiam a Deus” (Sl 71,23), “lábios enumerados” (Sl 119,13), “lábios de louvor” (Sl 119,171), “lábios intactos” (Sl 89,35), no sentido de não mudar as palavras já pronunciadas, e “lábios” cuja “porta” fora preservada pelo próprio Senhor (Sl 141,3).

De outro lado, há “os lábios” (Sl 12,5) dos que não aceitam o Senhor em suas vidas, “lábios enganadores” (Sl 12,3; 17,1), “lábios fingidos” (Sl 12,4), “lábios torcidos” (Sl 22,8), “lábios falsos” (Sl 31,19), “lábios não fechados” (Sl 40,10), “lábios por entre espadas” (Sl 59,8), “lábios pecaminosos” (Sl 59,13), “lábios tagarelas” (Sl 106,33), “lábios venenosos” (Sl 140,4) e “lábios fatigados” (Sl 140,10).

Há também um vasto uso da palavra “língua” (לְשׁוֹן). No contexto do Salmo 120, quem canta ou reza imagina que ela se torna credencial robusta para quem pretende subir, ir, peregrinar e habitar na casa do Senhor. Mas, para isso, faz-se necessário ter uma “língua que não difame” (Sl 15,3), “língua que seja preservada do mal” (Sl 34,14), “língua que sussurre a justiça” (Sl 35,28), “língua que pronuncie o direito” (Sl 37,30), “língua que responda à promessa” (Sl 119,172), “língua guardada do pecado” (Sl 39,2). Noutras vezes, é preciso

3. Anadiplose é uma figura de linguagem que consiste na repetição da última palavra no início de um verso ou de uma frase anterior, no começo do verso ou da frase seguinte. <https://www.dicio.com.br/anadiplose/>, acesso em 12/06/24.

“falar com a língua” (Sl 39,4), deixando-a “como a pena de um hábil escriba” (Sl 45,2), isto é, uma “língua exaltada ao ver a realização da justiça” (Sl 51,16), o que já implica possuir uma “língua que exalta o nome de Deus” (Sl 66,17). Entretanto, para alcançar esse patamar, é imprescindível ao peregrino “todo dia sussurrar com sua língua a justiça de Deus” (Sl 71,24), sendo possuidor de uma “língua de júbilo” (Sl 126,2). Afinal de contas, de nada vale “colocar a boca no céu”, uma vez que “a língua anda na terra” (Sl 73,9).

Em contrapartida, há “língua enganadora” (Sl 5,10), “língua cheia de fadiga e desgraça” (Sl 10,7), “língua arrogante” (Sl 12,4), “língua dos valentes” (Sl 12,5), “língua colada ao palato” (Sl 22,16; 137,6), “língua que tramava falsidade” (Sl 50,19; 109,2), “língua semelhante a navalha ou espada afiada” (Sl 52,4; 57,5; 64,4), “língua enganadora” (Sl 52,6), “língua arruinada” (Sl 64,9), “língua discursiva” (Sl 139,4), “língua dos cães” (Sl 68,24), “línguas confusas” (Sl 55,10), “línguas que disputam” (Sl 31,21), “línguas mentirosas” (Sl 78,36), “línguas afiadas” (Sl 140,4), e, ao que parece, isto ocorre quando “um homem linguarudo” (Sl 140,12), possuidor de uma “língua traidora” (v. 2b) e uma “língua enganadora” (v. 3b), sente-se forte o bastante para excluir de sua peregrinação terrestre os ensinamentos do Senhor.

Tanto o “lábio” quanto a “língua” são instrumentos de fala (cf. ROSS, 2016, p. 602) e, no caso, devem ser utilizados para a prática do bem comum e para o crescimento do culto religioso. Sabedor do auxílio divino, o orante sente-se respondido pelo Senhor (v. 1c) e, neste último, confia. Entretanto, teme os povos que vivem em territórios vizinhos e/ou distantes (v. 5a-b). De tal modo que o recurso utilizado no processo metafórico em (v. 2a-b) ganha em densidade gramatical em (v. 3a-b), atingindo seu ápice apenas em (v. 4a-b).

Dito de outro modo: o lábio e a língua foram cantados nos versículos 2-3 a ponto de receberem uma imagem forte no versículo 4a-b: “flechas afiadas de um guerreiro, com brasas de giesta”. Assim sendo, de um lado, o poeta compara o poder do lábio e da língua a uma flecha certa. Esta última pode ferir e até matar. De outro, a flecha, por si só, faz referência à guerra (cf. ROSS, 2016, p. 603), afinal, trata-se de um instrumento usado no confronto.

No entanto, sabe-se que o orante é “pela paz” (v. 7a). Então, por que aludir à imagem da “flecha afiada” portada por um “guerreiro” nas “brasas” (v. 4a-b) de uma planta cujo mato é facilmente dissolvível pelo fogo? Qual o desejo de

quem reza no Salmo 120? Metaforizar acerca do poder dos lábios e da língua ou queimar, a fim de extirpar os povos inimigos que os usam mal? Onde entram, nesse cântico poético, os lugares citados no versículo (5a-b): Mosoc (מֹשֶׁךְ) e Cedar (קֶדְר)?

3. Em Mosoc e em Cedar

O poema lírico presente no Salmo 120 avança ao trazer para seu interlocutor uma nova imagem literária. Dessa vez, o salmista se apoia em uma geografia bem conhecida no mundo de então. Como uma lamentação ou uma recordação preservada no passado, ele canta: “Ai de mim, porque me hospedei em Mosoc (מֹשֶׁךְ) (אֹיֵהָ לִי כִי־גֵרְתִּי מֹשֶׁךְ)” (v. 5a). E confessa ainda mais: “Acampei junto às tendas de Cedar (קֶדְר) (שָׁכַנְתִּי עִם־אֹהֲלֵי קֶדְר)” (v. 5b).

As regiões mencionadas poeticamente, Mosoc (מֹשֶׁךְ) (v. 5a) e Cedar (קֶדְר) (v. 5b), podem ser localizadas historicamente. A primeira corresponde a um ponto entre o mar Negro e o mar Cáspio (cf. WEISER, 1997, p. 579), conforme indicado em Gênesis 10,2; Ezequiel 27,13; 32,26. Já a segunda localidade trata de uma tribo de beduínos no deserto sírio-arábico (cf. WEISER, 1997, p. 579), conforme descrito em Gênesis 25,13 e Isaías 42,11.

Ao que parece, a prece do orante carrega um tom de lamento pelo fato de ter se “hospedado” (כִּי־גֵרְתִּי) (v. 5a), no sentido de ter permanecido entre um povo “bárbaro” e “perigoso” (cf. RAVASI, 2011, p. 643), envolto em guerra e capaz de gerar situações calamitosas para Israel. No entanto, essa súplica adquire uma dimensão ainda mais profunda ao questionar: “O que te será dado ou acrescentado a ti, ó língua enganadora?” (v. 3a-b). Aqui, o salmista denuncia aqueles que vivem da guerra ou no meio da guerra.

Não há outra alternativa para quem permaneceu e/ou se hospedou (v. 5a) entre povos violentos. É necessário romper a cápsula do medo, do terror e do ódio. Esse rompimento acontece à medida que o ser humano, peregrino e caminheiro, ao direcionar seus passos para a casa do Senhor, Deus de Israel, reza, suplica, canta e clama: “Liberta minha alma” (v. 2a).

Além disso, ao descrever as regiões de Mosoc e Cedar (v. 5a-b), o orante parece também registrar uma memória histórica, pois tais territórios, situados entre as hordas do norte e as tribos do sul, eram conhecidos pelo cultivo de um “ódio” para com Israel” (cf. ROSS, 2016, p. 604). Essa hostilidade contrastava

com a posição geográfica privilegiada de Israel, localizada às margens do mar Mediterrâneo, o que favorecia tanto seu comércio quanto sua influência cultural e religiosa.

Por um lado, o orante utiliza as imagens do “lábio” e da “língua” (v. 2a-b) e, associadas a elas, as representações da “flecha” e da “brasa” (v. 4a-b), compondo, assim, uma moldura perfeita no Salmo 120. Essas imagens criticam, respectivamente, o mau uso do raciocínio humano, do ferro e do fogo. Por outro lado, o olhar do salmista se volta para as nações estrangeiras, pois ele sabe que essas nações não conhecem o verdadeiro Deus. Tanto é que os habitantes de Mosoc e Cedar (v. 5a-b) “são pela guerra” (v. 7b).

Mas como pode um ser humano, criado à imagem e semelhança de Deus (Gn 1,26) e feito por amor, ser destinado ao ódio e à guerra? Essa é a questão que atravessa o lamento do orante. Esteja longe ou perto de casa, o peregrino - e, portanto, a voz coletiva que ele representa - deve clamar ao Senhor (v. 1b), especialmente em tempos de angústia (v. 1b).

Ainda que “a alma tenha convivido demais com quem odeia a paz” (v. 6a-b), e que a angústia (v. 1b) inicialmente sentida tenha sido de ordem individual antes de se transformar em uma questão coletiva, o mundo precisa de homens e mulheres que sejam “pela paz” (v. 7a) e jamais “pela guerra” (v. 7b).

4. Paz e guerra

Eis, diante do ouvinte/leitor, mais uma moldura presente no Salmo 120. Trata-se da fotografia antagônica que subjaz entre a “paz (פֶּלֶשׁ)” (v. 7a) e a “guerra (מִלְחָמָה)” (v. 7b). Os cento e cinquenta Salmos preferem cantar mais sobre a “paz (פֶּלֶשׁ)”. Embora, na língua portuguesa, esse vocábulo tenha mais familiaridade com o gênero feminino, na língua hebraica, porém, trata-se de um substantivo masculino, no singular. Seus vinte e sete usos, ao longo dos poemas líricos, constituem um discurso vivo e latente acerca do Senhor, Deus de Israel, e das relações humanas.

Em princípio, o Senhor é apresentado como aquele que é o doador da “paz (פֶּלֶשׁ)”. Ele o é na medida em que “fala de paz” (Sl 85,9), “abençoa seu povo com a paz” (Sl 29,11) e “redime a alma em paz” (Sl 55,19). Trata-se, ao que parece, da “paz de Jerusalém” (Sl 122,6) e/ou da “paz dentro dos muros dela” (Sl 122,7), portanto, “paz sobre Israel” (Sl 125,5; 128,6). Sequencialmente, o

orante, “homem de paz” (Sl 37,37) e/ou de “abundante paz” (Sl 119,165), ao formular sua prece, “procura a paz” (Sl 34,15), quando “a aprecia” (Sl 35,27), sobretudo a “paz entre irmãos e amigos” (Sl 122,8). Por isso, encontra-se em um estado tranquilo ao “deitar-se em paz e adormecer” (Sl 4,9).

Algumas vezes, “por causa do pecado” (Sl 38,4), sente falta “de paz até nos ossos” (Sl 38,4). Noutras, porém, por “confiar” desmedidamente “no homem com quem vivia em paz” e com quem “comia” do próprio “pão” (Sl 41,10), foi, por este último, traído.

Lamentável, contudo, é saber que “perversos e malfeitores falam de paz a seus amigos”, embora tenham “maldade em seu coração” (Sl 28,3). No fundo, os inimigos “não falam de paz” (Sl 35,20); pelo contrário, são artífices em “planejar palavras embusteiras” (Sl 35,20). Certamente, trata-se de moradores provenientes do extremo oriente (Sl 55,20), pessoas das quais não se espera mudança alguma. Dedicadas à guerra e ao conflito, “lançaram suas mãos contra os que estavam em paz com eles” (Sl 55,21). Inclusive, até a “mesa” de quem insiste no mal torna-se “cilada” e “armadilha” para quem é “pacífico” (Sl 69,23).

Enfim, Deus é justo. Junto a Ele, toda a criação também fará justiça por causa do nome d’Ele. Aliás, esta última, juntamente com a “paz”, “se beijarão” (Sl 85,11). Mais ainda: “os montes trarão paz para o povo” (Sl 72,3), e, com isso, o “justo florescerá” e terá “abundância de paz” (Sl 72,7), tornando-se desnecessária a posse de uma “inveja dos arrogantes”, no sentido de imaginar que os “perversos” tenham e/ou cultivem a “paz” (Sl 73,3). Afinal de contas, quem “coloca paz” em “Sião” é o Senhor (Sl 147,14); por isso, “Jerusalém” deve “enaltecê-lo” e “louvá-lo”, sempre (Sl 147,12).

Além disso, o livro dos Salmos também descreve, aproximadamente dez vezes, a palavra “guerra (הַמִּלְחָמָה)” (v. 7b), significando “combate”, “batalha” e/ou “luta”. Na língua hebraica, trata-se de um substantivo de gênero feminino, no singular. Inicialmente, o interlocutor é surpreendido pelo primeiro uso dessa palavra em (Sl 18,35): “Ele” – cujo “nome é grande em Israel” (Sl 76,2), cuja “cabana está em Salém” (Sl 76,3) e cuja “habitação está em Sião” (Sl 76,3), ou seja, o Senhor, “Deus conhecido em Judá” (Sl 76,2), “poderoso na batalha” (Sl 24,8) – “adestrou minhas mãos para a guerra”. E “cingiu” a “Davi” de “força” para a “luta” (Sl 38,40).

Por isso, o lutador sente-se “seguro”, “forte” e “confiante”, mesmo estando diante de “uma batalha” (Sl 27,3). Outras vezes, serão as Obras do Senhor a exercer o protagonismo divino mediante a criação, pois Ele fará “cessar os combates até o extremo da terra” (Sl 46,10), “destroçando flechas”, bem como “escudo”, “espada” e “combate” (Sl 76,4). E, “retorcendo o fio da espada”, impedirá que os “vizinhos inimigos” se ergam novamente no “combate” (Sl 89,44).

Pois, se de um lado o “ser humano mau” vive “todo dia” preparando-se para suscitar a “guerra” (Sl 140,3), de outro, o ser humano, peregrino e caminheiro nas estradas da vida, deve, a exemplo de Davi, cantar, pedir, dizer e suplicar: “Bendito seja o Senhor, meu rochedo, que treina minhas mãos para a luta e os meus dedos para a guerra” (Sl 144,1).

Dito de outro modo: mesmo tendo sido “minha alma” moradora de “quem odeia a paz” (v. 6a), “eu sou pela paz” (v. 7a) e desse dom não abrirei mão. Lamenta-se, contudo, perceber que há tantos outros que insistem em ser “pela guerra” (v. 7b).

Considerações finais

O Salmo 120 apresenta-se como um cântico de lamento, mas também de esperança. O orante, na condição de peregrino, eleva sua voz em prece diante da opressão e do conflito, reconhecendo sua própria vulnerabilidade diante do uso irresponsável da palavra, da hostilidade dos povos e da tensão universal entre guerra e paz. O cenário que emerge do texto é, ao mesmo tempo, particular e coletivo: a dor individual do peregrino reflete uma realidade mais ampla, marcada pela dispersão e pelo embate entre nações.

Ainda que a narrativa se desenrole sob o signo da guerra (v. 7b), a prece não se fecha no desespero. O Senhor, Deus de Israel (v. 1b), é invocado como a fonte última da resposta e da redenção. Assim, o Salmo 120 inaugura a sequência dos Cânticos de Romagem (Sl 120-134), inserindo-se em um contexto de ascensão não apenas geográfica, mas também espiritual. O movimento que conduz o orante para Jerusalém é símbolo da busca pela paz verdadeira, aquela que não é fruto de meros acordos humanos, mas dom divino.

Do ponto de vista literário e teológico, o Salmo 120, apesar de sua brevidade estrutural, carrega uma densidade significativa. Seu conteúdo ressoa profundamente com a experiência de fé dos peregrinos de todos os tempos.

A jornada descrita no texto ecoa na devoção popular, especialmente entre os católicos, que ainda hoje empreendem romarias aos santuários⁴, carregando consigo não o supérfluo, mas o essencial. O paralelo entre o peregrino bíblico e o devoto contemporâneo se evidencia não apenas na materialidade do caminho percorrido, mas, sobretudo, na confiança de que suas súplicas são ouvidas.

O orante sabe de sua condição: é estrangeiro no mundo, um viajante em busca do encontro com Deus. Sua súplica, expressa em Sl 119,19 - “não escondas os teus mandamentos” -, reafirma sua identidade como aquele que caminha sob a orientação da Palavra divina. Entre a saída e a chegada (Sl 121,8), a esperança se renova na certeza de que seu destino é a “casa do Senhor”, fixada em Jerusalém (Sl 122,1-2). Assim, o Salmo 120 não apenas expressa a dor do exílio e do conflito, mas aponta para a única paz autêntica e duradoura: aquela que se encontra na presença de Deus.

Bibliografia

BALLARINI, Teodorico; REALI, Venanzio. A poética hebraica e os Salmos. São Paulo: Editora Vozes, 1985.

DANTAS, J.A.S. No limiar da esperança - Um estudo bíblico de salmo 130. Encontros Teológicos. Florianópolis . V.39. N.1. Jan.-Abr. 2024. Disponível em <https://facasc.emnuvens.com.br/ret/article/view/1864> , acesso em agosto de 2024 .

EDITORA PAULINAS. A Bíblia . 1.ed. São Paulo: Paulinas, 2023.

4. O estudo do Salmo 120 é apenas o início de um projeto hermenêutico que se desdobra. Todos os Salmos pertencentes à família dos Hinos de Peregrinação receberão, paulatinamente, um olhar bíblico, teológico e literário. E, junto a essa análise, para cada Salmo em questão, será apresentado um santuário brasileiro. Portanto, se quinze são os Hinos das Subidas, quinze também serão os santuários escolhidos, abrangendo todas as regiões da Terra de Santa Cruz. Com isso, espera-se que o interlocutor compreenda que não há distinção ou dicotomia entre a fé bíblica e a fé popular. Uma encontra-se profundamente relacionada à outra, uma nasce da outra. E ambas as expressões de profissão de fé devem dialogar para o bem do Nome do Senhor, Deus de Israel, cujo ápice se encontra na Pessoa de Jesus Cristo, morto e ressuscitado. Tão pequeno quanto o Salmo 120 é o Santuário de Divina Pastora. Localizado no leste sergipano, atrai anualmente uma multidão de fiéis. Pureza, pobreza e simplicidade marcam o ritmo de peregrinação do povo de Deus, que marcha rumo a este local. A espiritualidade do santuário encontra fundamento na Liturgia do Bom Pastor, cujos textos estão em Jo 10,1-10 (Ano A), Jo 10,11-18 (Ano B) e Jo 10,27-30 (Ano C). A fé popular, cujas origens remontam à Espanha, reconhece em Jesus Cristo o Belo Pastor, mas também contempla sua mãe, Maria, como Divina Pastora.

Cf.: <https://www.a12.com/academia/palavra-do-associado/nossa-senhora-divina-pastora-virgen-zagala>.

RAVASI, G. Il libro dei salmi – commento e attualizzazione - vol. 3: salmi 101-150. Italiano Editora: Dehoniana libri. 2011.

ROSS, Allen P. A commentary on The Psalms – vol. 3 (90-150). Published by Kregel Academic, an imprint of Kregel Publications, 2450 Oak Industrial Dr. NE, Grand Rapids, MI 49505.2016.

WEISER, Artur. Os Salmos. Português. São Paulo: Editora Paulus, 1997.

<https://www.a12.com/academia/palavra-do-associado/nossa-senhora-divina-pastora-virgen-zagala>.